



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co](mailto:revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2017  
Guilherme C Oliveira Silva  
**ENTRE ISSO E ISSO: LEITURA E ESCRITA DA NÃO RELAÇÃO SEXUAL**  
Revista Affectio Societatis, Vol. 14, Nº 26, enero-junio de 2017  
Art. # 3 (pp. 52-66)  
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

# ENTRE ISSO E ISSO: LEITURA E ESCRITA DA NÃO RELAÇÃO SEXUAL

Guilherme C Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo, Brasil  
[guilhermoliveira03@gmail.com](mailto:guilhermoliveira03@gmail.com)

## Resumo

Este artigo versa sobre o conceito de *lettre* na obra do psicanalista francês Jacques Lacan, entre as décadas de 1950 e 1970 do seu ensino. Do quadro deste conceito, colocaremos uma questão clínica, a partir de um sonho de um paciente nosso: o que implica, em termos de direção do tratamento, uma passagem da letra como instrumento de leitura para um instru-

mento de escrita? Para tanto, desenvolveremos duas interpretações desse sonho, uma segundo uma leitura da letra e outra segundo sua escrita. Trata-se de um tema que estamos desenvolvendo na nossa pesquisa de mestrado.

**Palavras chaves:** psicanálise, letra, leitura, escrita, sonho.

# ENTRE ESO Y ESO: LECTURA Y ESCRITURA DE LA NO RELACIÓN SEXUAL

## Resumen

En este artículo se aborda el concepto de *lettre* en la obra del psicoanalista francés Jacques Lacan, entre las décadas de 1950 y 1970 de su enseñanza. En el marco de este concepto, se plantea una pregunta clínica, a partir de un sueño de un paciente: ¿qué implica, en términos de dirección de la cura, un pasaje de la letra como instrumento de lectura

a un instrumento de escritura? Para esto, se desarrollarán dos interpretaciones de tal sueño, una según una lectura de la letra y otra según su escritura. Se trata de un tema que se está desarrollando en nuestra investigación de maestría.

**Palabras clave:** psicoanálisis, letra, lectura, escritura, sueño.

---

1 Psicanalista e mestrando no programa de Psicologia social na Universidade de São Paulo.

## BETWEEN THAT AND THAT: READING AND WRITING OF THE NO SEXUAL RELATIONSHIP

### Abstract

This paper approaches the concept of *lettre* in the work of the French psychoanalyst Jacques Lacan, between the decades 1950 and 1970 of his teaching. In the context of this concept, a clinic question is posed from a patient's dream: What is the implication, in terms of direction of the treatment, of a passage from letter as an instrument of reading

to an instrument of writing? For this purpose, two interpretations of such dream will be developed, one of them according to a reading of the letter and the other one according to its writing. It is a subject currently developed in our master's research.

**Keywords:** psychoanalysis, letter, reading, writing, dream.

## ENTRE ÇA ET ÇA : LECTURE ET ÉCRITURE DU NON-RAPPORT SEXUEL

### Résumé

Cet article aborde le concept de *lettre* dans l'enseignement du psychanalyste français Jacques Lacan entre 1950 et 1970. Un rêve d'un patient est à l'origine d'une question clinique, posée dans le cadre de ce concept : quelles sont les implications, en termes de direction de la cure, d'un passage de la lettre comme

outil de lecture à outil d'écriture ? Pour ce faire, deux interprétations dudit rêve seront développées, l'une suivant la lecture de la lettre, l'autre son écriture. Ce travail s'inscrit dans le cadre d'une recherche de Master.

**Mots-clés :** psychanalyse, lettre, lecture, écriture, rêve.

Recibido: 27/07/16 • Aprobado: 07/09/16

## Introdução

Este artigo versa sobre o conceito de *lettre* na obra do psicanalista francês Jacques Lacan, entre as décadas de 1950 e 1970 do seu ensino. Interessa-nos investigar uma questão clínica, que será melhor colocada a partir do relato de um sonho de um paciente nosso: o que implica, em termos de direção do tratamento, uma passagem da letra como instrumento de leitura para um instrumento de escrita?

A ressonância do sonho nos servirá de guia para avançarmos no campo teórico de leitura e escrita da letra em Lacan. Antes, porém, cabe dizer que, para a pesquisa conceitual, analisaremos a letra em dois textos fundamentais das décadas de 1950 e 1970, quais sejam: *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, de 1957, e *La fonction de l'écrit*, do seminário *Encore* (Lacan, 1972-73/1975). Tais textos se justificam por uma diferença fundamental na abordagem do conceito. Segundo Maleval (2010), *lettre* aparece primeiramente no texto *Séminaire sur la lettre volée* (Lacan, 1955/2001), sob a forma da carta do conto de Poe, cujo destino serve para evocar o significante. Mas é somente no texto *L'instance de la lettre* que ela ganhará valor de conceito. Seu estatuto é aí fundamentalmente ligado ao simbólico, à estrutura significante. Já no seminário *Encore*, a letra é usada como borda entre os registros simbólico e real, como escrita do saber no real, onde se marca um litoral e um gozo (Maleval, 2010).

Nossa hipótese aproxima essa diferença de registro de uma diferença entre leitura e escrita do conceito na obra. Por leitura, entendemos a organização significante, tal qual estaria estruturado o inconsciente, que a letra no início da obra permitiria ler. Significantes inconscientes lidos em sua literalidade. Já por escrita, não se trataria mais de uma leitura da maneira como os significantes estariam estruturados inconscientemente, mas da escrita de equívocos com significantes. Exploraremos mais essas questões com o avanço do texto. Para assim avançar, partamos ao sonho:

Sonhei que meu pai esmurrava a minha mãe que se defendia, e havia a frase *Para isso* (o que ela havia feito) *vous tinha isso* (os murros). Isso vinha de uma maneira cômica. Ao mesmo tempo, era como se

esses murros fossem do meu avô sobre a minha avó (materna), e a expressão de defesa na cara da minha mãe, da minha irmã, quando eu e ela, quando crianças, brigávamos e ela se defendia e ao mesmo tempo ameaçava com seus braços. (Castro, comunicação pessoal, 3 de abril de 2016)

Esse paciente, no momento em que relatou esse sonho, vivia uma separação com a então namorada, com quem permanecera por muito tempo e com quem teve uma relação conturbada e cheia de brigas. Não havia violência física. Uma primeira interpretação, segundo uma leitura dos significantes e da fantasia, seria falar do desejo de agressão física que no sonho o colocaria no mesmo lugar do pai e do avô materno. Ao apontar esse desejo, provavelmente alguma coisa o faria “parar” para se ouvir, como talvez traga a ressonância do “Para isso”, no início do sonho. Trata-se de uma interpretação baseada numa mensagem inconsciente, para a qual se supõe significantes organizados entre si estruturando a linguagem dessa mensagem. O conceito na obra lacaniana que permite essa interpretação é o conceito de letra. Será, portanto, importante analisar o seu estatuto. Veremos no próximo tópico como ela foi conceitualizada na década de 1950. Com esse primeiro passo dado, poderemos avançar uma outra interpretação desse sonho, a partir de uma concepção da letra pautada na escrita.

## Leitura da carta e da letra

Uma das maneiras de conceber *lettre* é a partir da vertente “carta”, possível na tradução da palavra e assim trabalhada por Lacan em *Le séminaire sur la lettre volée* (Lacan, 1955/2001). O psicanalista analisará o conto de Poe e demonstrará a importância da carta roubada no estabelecimento de diversas relações estruturais entre os personagens, que vão se construindo e repetindo na passagem do enredo (Nancy & Lacoue-Labarthe, 1991). Seu conteúdo é desconhecido, mas comprometedor, engajando cada personagem em determinadas posições, de acordo com o momento do texto. Lacan (1955/2001) a tomará como significante a partir do qual diversas relações estruturais serão formadas.

Segundo Le Gaufey (1991), com a inversão feita por Lacan no algoritmo saussuriano (S/s), passou-se de uma concepção sobre as ligações entre significante e significado, para uma concepção de ligações entre significantes. Seriam estas últimas que efetuariam a gênese do próprio significado: "(...) Lacan faz de partida valer uma 'autonomia do significante', cujos cortes prevalecem na produção de significação, nas quais aparecem então, e somente então, cortes no significado" (Le Gaufey, 1991, p. 150) (tradução nossa). O caráter *enigmático* de uma "carta" do inconsciente se dá por essa primazia do significante. Pois, se o significado (sublinha-se: enigmático) não fosse produzido nessa operação, saberíamos de antemão ao que corresponderia determinados significantes num sonho. Essa prevalência dada à estrutura do significante (às suas próprias ligações) permite a Lacan ler o sujeito freudiano como determinado por uma estrutura de linguagem. Serão as ligações e cortes dos significantes entre si que determinarão cadeias associativas, e não um suposto significado existente de antemão no inconsciente.

Em *Instância da Letra* (Lacan, 1957/2001), a carta se tornará uma letra, num texto no qual, segundo Le Gaufey (1991), podemos ler o essencial da operação lacaniana do significante. Lacan (1957/2001) aí falará da letra como o "(...) suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem" (p. 492) (tradução nossa). Será ela que, materialmente, permitirá uma apresentação estrutural dos significantes, e por isso também será definida como "(...) a estrutura essencialmente localizada do significante" (Lacan, 1957/2001, p. 498) (tradução nossa). Trata-se de uma maneira de apresentar os significantes por uma via outra que aquela do significado (posto que significante prevalece sobre o significado), e que se constrói através de uma leitura que esse suporte material permite da estrutura de linguagem. Não mais exatamente leitura de uma "carta" do inconsciente, mas especificamente leitura material, literal, do significante:

O que pertence à instância no sonho dessa mesma estrutura literalizante (dito de uma outra maneira: fonética), na qual se articula e se analisa o significante no discurso. Tais quais as figuras não naturais do barco sobre o teto ou do homem com cabeça de vírgula, expressamente evocadas por Freud, as imagens dos sonhos devem ser

retidas pelo seu valor de significante; ou seja, por aquilo que elas permitem soletrar sobre o “proverbio” proposto pela charada do sonho. Essa estrutura de linguagem que torna possível a operação da leitura está no princípio da *significância do sonho*, da *Traumdeutung* (Lacan, 1957/2001, p. 507) (tradução nossa).

Nessa citação, a instância da letra é evocada como estrutura “literalizante”, ou fonética. É uma maneira de falar do caráter de decomposição e localização da cadeia significante, que a letra permite. Ao literalizar o puro som do significante, encontra-se um traçado que possibilita sua leitura. É também fonético, posto que a soletração dos sons demonstra uma lei sincrônica de organização, própria ao significante.

Segundo os autores Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, em sua obra *O Título da Letra*, a instância da letra é também a sua insistência (Nancy & Lacoue-Labarthe, 1991). Na razão desde Freud se trataria da produção insistente da letra no inconsciente. Se, como dirá Lacan (1964/1973)<sup>2</sup>, em certo momento, a característica do inconsciente é de partida o fechamento, essa razão freudiana, com a letra, estaria ligada à sua abertura. Abertura que permite uma leitura da organização significante inconsciente. Trata-se de um conceito que mantém algo suspenso no sentido, apontando, a contragolpe, a estrutura inconsciente. O reportar indefinido e insistente do sentido, específico à cadeia significante, transmitiria algo que iria além do próprio sentido, e que, portanto, não se restringiria a este. O sentido nunca se satisfaria por completo, logo a necessidade de sempre novos sentidos. A letra transmitiria isso que, ao insistir, não permitiria aos sentidos se esgotarem por si só. O que apontaria algo para além dos sentidos: o significante, enquanto estrutura inconsciente (Nancy & Lacoue-Labarthe, 1991).

Outro ponto importante, caro à conceitualização da letra vinculada à articulação significante, é uma definição de inconsciente trabalhada por Lacan (1957/2001) no mesmo texto: “*O inconsciente é o discurso do Outro (...)*” (p. 522) (tradução nossa). O conceito de discurso atravessa todo o *Instância da Letra* com um caráter bem específico: é aquilo diante

---

2 Capítulo XVI, “le sujet et l’autre: L’aliénation”.

do que o sujeito se mantém servo, mais servo do que em relação à própria linguagem. Ele se diferencia da fala, estando ligado ao que se pode ouvir de estrutura e de lugar ocupado pelo sujeito, no além da sua fala (Lacan (1957/2001)). Podemos dizer que se trata de um texto cuja saída dada ao sujeito, na sua constituição subjetiva, é a sua entrada. Texto da cultura em questão, da história da sua família e da sua língua. A letra aqui teria como função mostrar qual é a articulação significativa desse discurso do Outro, do qual o sujeito se mantém servo.

De uma maneira precipitada, seria possível tomar o texto do sonho do nosso paciente e nele enxergar um "discurso do Outro" (do qual o sujeito se manteria servo) em relação à posição "masculina", a partir do significativo *murros* que no sonho aparece vinculado a homens em três gerações: ele, pai e avô (materno). Imediatamente, seria necessário pontuar que se trataria de um abuso conceitual. O cenário formado por essa metonímia dos *murros*, que parte do pai, vai ao avô e chega a ele não nos dá nenhum indicativo, por si só, que se trataria de uma determinação simbólica do lugar de "homem" na família. Não se pode supor, só com esse sonho, que o significativo *murros* tenha sido "passado" de geração em geração, até porque o avô materno não o teria transmitido, nessa sequência, ao pai. Criamos a hipótese desse abuso teórico para marcar o caráter imaginário pelo qual se poderia tratar alguns conceitos. O que se pode ter certeza, em relação ao desdobramento pai-avô-filho, é que a posição imaginária do sujeito sobre esses homens da família é equivocada por alguma coisa ali que não dá certo, e que estranhamente ressoa no enredo do sonho: dois *isso* que não são a mesma coisa. Lembremos da frase: *Para isso você tinha isso*.

Exploraremos essa ressonância mais à frente. Por hora, prossigamos com a análise teórica. Partiremos ao texto *La fonction de l'écrit*, e a diferença da letra e do discurso lá trabalhada.

## Letra e a função do escrito

No capítulo 3 do seminário XX, Lacan considera que o escrito S/s (lido como significativo sobre significado) surge como efeito de um *discurso*. Ou seja: que o discurso linguístico cria os conceitos de significativo e

significado, e que dele se estabelece uma relação mútua entre estes termos ao dizer que o significante prevalece sobre o significado, e que deste está separado por uma barra. Trata-se, fundamentalmente, de escritos, efeitos de uma teoria que os assim define. Melhor dizendo, efeitos de um discurso: “Distingue-se aí algo que não é senão efeito do discurso, do discurso enquanto tal, ou seja: de algo que funciona já como laço” (Lacan, 1972-73/1975, p. 45) (tradução nossa).

Como em relação ao Instância da letra, a letra (aqui tomada como escrito) vem demonstrar uma articulação discursiva. Entretanto, o conceito de discurso trabalhado por Lacan no seminário XX passou por mudanças significativas, a partir do seminário XVII. Ali, ele definiu estruturalmente quatro discursos, se servindo da escrita de quatro lugares ocupados diferentemente em cada discurso por quatro letras (Lacan, 1969-70/1991). As articulações dessas letras entre si transmitem a estrutura do discurso em questão.

Além de se tratar de uma conceitualização diferente do *discurso*, Lacan diz textualmente nessa lição que a letra não é do mesmo registro daquele do significante. Ele dirá que num certo momento da história a letra, que “(...) não tem nada a ver com a conotação do significante (...)” (Lacan, 1972-73/1975, p. 48) (tradução nossa), é usada para elaborá-lo e aperfeiçoá-lo. Ela seria, antes, *efeito de discurso* –como as marcas do que era produzido e comercializado, que ressurgem no alfabeto fenício, mas que já estavam presentes no mercado antes mesmo do estabelecimento da Fenícia (Lacan, 1972-73/1975). Tempos depois, ao serem usadas no alfabeto, permitem uma leitura da organização dos sons, dos significantes, na língua. Mas surgem, primeiramente, como efeito de um discurso.

Com essas articulações e referências, percebe-se um uso diferente da letra daquele trabalhado no primeiro texto no qual, segundo Maleval (2010), ela adquire valor de conceito na obra de Lacan (1957/2001)<sup>3</sup>. Enquanto em 1957 é “*estrutura localizada do significante*”, nessa lição de 9 de janeiro de 1973 é lida como efeito de discurso que vem elaborar e articular o significante. Se de um lado na década de

---

3 Trata-se do texto discutido acima, “L’instance de la lettre dans l’inconscient”.

1950 o registro simbólico tem uma importância maior que o real e o imaginário, essa mudança no conceito de letra faz entrever uma nova articulação desses registros por Lacan. Ele não parece nessa época estar querendo validar a psicanálise enquanto uma ciência, o que o teria feito se ater mais à estrutura simbólica na década de 1950 (Beer, 2015). O projeto em questão na década de 1970 parece estar ligado ao desdobramento do impossível que surge com a clínica psicanalítica.

Quando atrás levantamos uma hipótese sobre um descuido teórico que pudesse tomar o sonho como revelador de um discurso do Outro no quadro do qual os homens da família estariam associados ao significante *murros*, visávamos colocar em tensão essa diferença de consideração do discurso entre o seminário 20 e o texto Instância da letra. Cabe dizer que a definição *O inconsciente é o discurso do Outro* (do qual o sujeito se mantém servo) não pode ser simplesmente reduzida, visando afirmar que no sonho o masculino na família é necessariamente associado ao significante *murros*, e o sujeito determinado e servo de tal concepção de homem, herdada de geração em geração. Não deixamos esses termos em tensão aqui para, como efeito de retórica, encontrar uma solução fácil que associe a um primeiro Lacan tal leitura precipitada do sonho. Pois, desse discurso do qual o sujeito se mantém servo, não se trata de um significado (significado de como é ser homem na família) mas de uma organização significante.

Se voltarmos ao sonho, veremos como esses significantes trazem antes a estrutura de um impasse que um significado sobre ser homem. Impasse entre os significantes homem e mulher. Alguma coisa entre esses homens e mulheres é estranha. A mensagem sobre o discurso do Outro tem a ver com esse estranhamento. Pelas associações do sujeito e seu processo de análise, *murros* não era um significante recorrente em sua fala. Parece antes que foi usado para produzir tal cena de estranhamento.

Vemos que, como se trata da estrutura de um impasse<sup>4</sup> nada nos impediria de prosseguirmos a interpretação nos servindo dessa concei-

---

4 Impasse entre desejo de reconhecimento e reconhecimento do desejo. Na página 522, Lacan (1957/2001) completará a definição o inconsciente é o discurso do Ou-

tualização do inconsciente na década de 1950: *o inconsciente é o discurso do Outro*. Ela não implica, forçosamente, na interpretação imaginária que atrás imaginamos e a qual nos opusemos. Mas existe uma diferença entre tratar a letra como efeito do significante (e assim efeito do discurso do Outro) da letra como efeito de discurso que vem elaborar o significante. Não é necessário supor as letras do enredo do paciente como efeitos dos significantes inconscientes. *Murros*, como comentamos, sequer era um significante que houvesse se repetido em sua fala em análise. Talvez possa revelar um desejo nessa separação com a então namorada, um desejo que ao ser ouvido possa tê-lo feito *parar*. De qualquer forma, não podemos generalizá-lo para toda história do sujeito, simplesmente por no sonho se fazer referência a três gerações.

Ao tomar a letra como sendo usada para *elaborar* as questões inconscientes, permite-se mais facilmente entender a entrada de discursos não necessariamente ligados ao *discurso do Outro* (como tema fundamental do sintoma do sujeito) que viriam em auxílio para se organizar questões (e também para mascará-las). Discursos diversos que fornecem letras para construção das questões do sujeito. Nesse sentido, em relação ao sonho, poder-se-ia mesmo supor um *uso* de discursos correntes sobre *o lugar do homem é aquele que bate* com o intuito de cernir alguma coisa sobre a posição masculina (imaginária). Um uso do tema do *machismo* como metáfora de uma forma de gozo que não necessariamente se vincule, diretamente, com violência contra a mulher (tal forma de gozo), mas segundo uma posição obsessiva de equivalência (ali podendo ser tratada metaforicamente como equivalência entre “crime” e “castigo”). “Para isso (o que a mãe havia feito) você tinha isso” (os murros). Entretanto, o que se *escreve* com esses *isso* é alguma coisa que faz estranhar a suposta equivalência. “Para isso você tinha isso”, como se os dois *isso* fossem equivalentes, mas sua repetição demonstrando que já não se trata da mesma coisa.

Para melhor avançar nesse tema, será necessário adentrar num ponto da letra que gira em torno da *escrita do impossível*.

---

tro com o grande Outro enquanto “(...) o além no qual se amarra o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento” (p. 522) (tradução nossa).

## O impossível da relação sexual

Um ponto importante trabalhado por Lacan em relação à escrita no seminário 20 é o campo do impossível da relação sexual, traduzido pelo aforismo “Il n’y a pas de rapport sexuel” (“Não há relação sexual”) (Tradução nossa). Ele resume uma concepção lacaniana de não haver qualquer complementaridade e naturalidade da relação sexual humana. Na mesma lição do 9 de janeiro de 1973, no seminário *Encore*, podemos encontrar a seguinte fala de Lacan (1972-73/1975) sobre essa fórmula “Il n’y a pas de rapport sexuel”:

(...) ela (tal fórmula) não se sustenta senão com o escrito, na medida em que a relação sexual não pode se escrever. Tudo o que está escrito parte do fato que será para sempre impossível de escrever a relação sexual enquanto tal. É daí que há um certo efeito do discurso chamado escrita (p. 47) (tradução nossa).

A inexistência desse *rapport*, ao se suportar pelo escrito –mesmo que ele não possa se escrever de fato– cria uma espécie de laço baseado justamente na sua inexistência. Os sentidos que serão construídos a partir dessa inscrição –dessa escrita da não relação sexual– serão sentidos sexuais, pois se basearão na inexistência de um a priori relativo à sexualidade humana, se criando (esses sentidos) enquanto expressões de suas vicissitudes.

Segundo Barbara Cassin (Badiou & Cassin, 2010), num trabalho no qual ela comenta o texto *Étourdit* (Lacan, 1972/2005), cronologicamente muito próximo ao seminário 20, Jacques Lacan teria substituído o princípio da não contradição por essa fórmula. A discursividade derivada daí baseia-se no equívoco, no tropeço:

Não se trata de nada menos que mudar o princípio de todos os princípios. Passar do princípio “*não há contradição*” para o princípio “*não há relação sexual*”. É a discursividade desse novo princípio, *não há relação sexual*, que o *Étourdit* coloca em jogo (Badiou & Cassin, 2010, p. 10) (tradução nossa).

Ao definir o real a partir de uma impossibilidade, de uma negatividade relativa a não existência de proporcionalidade ou relação entre

os parceiros (*rapport*), passa-se a operar com um princípio lógico no qual, justamente, se permite contradição. Princípio este que se assemelha ao que Freud (1933/2010) dizia quanto a não haver contradição no inconsciente, por lá serem encontrados traços de tendência que, ao nível consciente, seriam contraditórias entre si. Com um princípio tal, que permite contradição, será possível dizer que a não relação sexual se sustenta com o escrito (como efeito do discurso analítico), embora ela não possa se escrever de fato (Lacan, 1972-73/1975). E a partir de então se derivar a escrita, como negação de um suposto universal ou natural da sexualidade humana, criando equívocos e diversidade.

Ora, no sonho a relação sexual não está exatamente escrita, como fórmula fixa e irrefutável sobre O homem e A mulher. Entreve-se que alguma questão sobre isso lá se coloque, a partir dos desdobramentos já comentados, mas sua enunciação se faz sem palavras. Se novamente notarmos a frase principal do sonho, veremos como ela se baseia num equívoco: para *isso* você tinha *isso*. Trata-se de uma mesma palavra, embora sua repetição equivoque sua igualdade. Poderíamos dizer que há um desejo de equivalência entre as duas posições (mãe, o que ela tinha feito; e pai, sua ação violenta e “justa”): *isso*, *isso*. Mas, o sentido mesmo da frase é uma dissonância desses *isso*, como um equívoco do inconsciente que diz “Não há relação sexual”. As posições masculino-feminina (3 gerações) são equivocadas na não correspondência de alguma coisa consigo mesma: entre *isso* e *isso* há uma diferença irreduzível. Ao se equivocar um imaginário acerca do masculino e do feminino, cria-se a possibilidade de diversidade, de não naturalidade na sexualidade humana.

Em *Étourdit* (Lacan, 1972/2005), há um termo criado por Lacan que poderá ser útil nesse ponto. Trata-se do *ab-sens*. *Sens* é traduzido para o português como *sentido* e *ab* indicaria uma separação, um distanciamiento. O som *ab-sens* é o mesmo de *absence* (ausência). Trata-se de algo que se produziria com a escrita, que anularia o “único sentido” de alguma coisa e, do mesmo golpe, criaria uma diversidade. Barbara Cassin faz o seguinte comentário sobre esse termo:

No lado de Lacan, o sentido único, o “um-sentido” (*un-sens*) faz parte do “insensato” (*in-sens*) – a saber, daquilo que é privado de

sentido (a homofonia sempre atua de antemão com equívoco), ou ainda: faz parte da significação, mas não do sentido. Não há sentido senão naquilo que é equívoco e isso se chama “ab-senso”, a salvo da norma aristotélica do sentido – aliás, norma constitutiva da regulação perene da língua, mesmo que ela não cesse de retornar, como o faz o inconsciente. “*L’étourdit*” (traduzido por aturdido), uma enunciação tal que se possa vê-la, maneira mais certa de ouvi-la (Badiou & Cassin, 2010, p. 12) (tradução nossa).

A produção de equívocos via o *ab-sens* se faz com a escrita. É a produção de letras como efeito discursivo que se obtém com tal escrita. Trata-se de uma decantação das significações únicas, visando seu esvaziamento e provocando equívocos de sentido. O próprio título desse texto, *Étourdit*, se baseia num *ab-sens*<sup>5</sup>. Trata-se de uma inscrição, que não tem que ver com o significado, mas com o que para além do significado pode restar como “representante” do impossível da relação sexual. Entre *isso* e *isso* é impossível definir um significado que encerre a ressonância da frase. Muitos sentidos podem ser supostos, mas segundo uma abertura contida no equívoco mesmo. Dizendo de um outro modo: uma apresentação do impossível na linguagem, como um “paradoxo sonoro”. Leiamos uma frase de Lacan (1972-73/1975) no seminário XX sobre a inscrição do real:

É aí que o real se distingue. O real não saberia se inscrever senão de um impasse da formalização. É no que eu acreditei poder desenhar o modelo a partir da formalização matemática, na medida em que ela é a elaboração mais avançada que nos tenha sido dada para produzir a significância. Esta formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu ia quase dizer a contra-senso. O isso não quer dizer nada concernente às matemáticas (...) (p. 118) (tradução nossa).

Nessa fala acerca da formalização matemática, faz-se notar o que da inscrição do real se apresenta a partir de um impasse de formalização. No termo *ab-sens*, trabalhado por Cassin, também se trata de um

---

5 *L’étourdi* significa em português “o descuidado”, “o distraído”, “o aturdido”. Ao colocar o t final, Lacan cria um equívoco: *l’étourdit*, com o mesmo som de *l’étourdi*, pode ser escutado como *Les tours dits*, ou seja, algo como “os giros ditos”, ou “as voltas ditas”.

impasse, do impasse que se inscreve como *Il n'y a pas de rapport sexuel*. Dizendo de um outro modo, a inclusão do impossível no discurso analítico cria cisões, equívocos, impasses. O que se produzirá a partir de então, não terá um sentido único, pois não se baseará no princípio da não contradição. Para tal empreitada, Lacan convoca a operação de escrita. Ele usará aí da letra, não mais simplesmente como recurso material e literal para localizar o significante (como discutido acima, quanto ao texto *Instância da letra*). Mas como inscrição, inclusão do real. No início deste trabalho, a partir de Maleval (2010), foi dito que a letra permitirá, no final da obra de Jacques Lacan marcar um saber (que por definição é simbólico) no real. Será usada como ranhura no real, fazendo borda entre os registros do real e do simbólico.

Cabe também comentar do sonho uma frase que pode indicar o equívoco como um recurso que esse sujeito fora construindo no seu percurso de análise. Logo depois dos *isso*, ele diz: "*Isso vinha de uma maneira cômica*". O "cômico" fora uma posição muito importante que este sujeito construiu no seu percurso analítico. Talvez não seja à toa que se tenha escrito *isso* no seu sonho diante de um desencontro sexual.

Para finalizar este trabalho, leiamos essas duas últimas frases do texto *La fonction de l'écrit*. Talvez essa convocação resuma, em termos de direção do tratamento, a diferença entre leitura e escrita da letra:

No seu discurso analítico, o sujeito do inconsciente, você o supõe saber ler. Isso não é nada mais que a sua história de inconsciente. Não somente você o supõe saber ler, mas você o supõe poder aprender a ler.

Só que *isso* que você lhe ensina a ler não tem então nada a ver, em nenhum caso, com o que *disso* se pode escrever (Lacan, 1972-73/1975, p. 50) (tradução nossa).

## Bibliografia

Badiou, A. & Cassin, B. (2010). *Il n'y a pas de rapport sexuel. Deux leçons sur «L'Étourditi» de Lacan*. Paris: Librairie Arthème Fayard.

- Beer, P. (2015). *Questões e tensões entre psicanálise e ciência: considerações sobre validação* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Freud, S. (1933/2010). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. Em P. C. de Souza (Trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (192 à 223). São Paulo: Companhia das letras.
- Le Gaufey, G. (1991). Lacan: au sujet de la lettre. Em *L'incomplétude du symbolique, De René Descartes à Jacques Lacan* (147 à 166). Paris: Epel.
- Lacan, J. (1955/2001). Le séminaire sur la lettre volée. Em *Écrits* (490 à 526). Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1957/2001). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. Em *Écrits* (11 à 61). Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1964/1973). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1969-70/1991). *Levers de la psychanalyse*. Paris: Le Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1972/2005). *L'Étourdit*. Em *Autres Écrits* (449 à 499). Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1972-73/1975). *Encore*. Paris: Seuil.
- Maleval, S. (2010). La lettre: du savoir dans le réel au symptôme. Em *Les fondamentaux de la clinique lacanienne, repères épistémologiques, conceptuels et cliniques* (307 à 315). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Nancy, J-L. & Lacoue-Labarthe, P. (1991). *O título da letra*. São Paulo: Escuta.

**Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /**

**Para citar este artigo (APA):**

Oliveira, Silva – Guilherme C. (2017). Entre isso e isso: leitura e escrita da não relação sexual. *Revista Affectio Societatis*, 14(26), 52-66. Medellín, Colombia:

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>